

TECENDO REFLEXÕES SOBRE SAÚDE LGBT E DIREITOS HUMANOS NA FORMAÇÃO ESTUDANTIL

Wellington Gadelha Farias Junior
Maristela Moraes

Atravessado por sorrisos, olhares e singularidades durante quinze dias de vivência, ponho-me a escrever essas linhas dançantes direcionando meu olhar para a questão da igualdade humana em um ambiente democrático. Ao desejar uma escrita que se movimente em espaços brancos e opacos de folhas que podem nos revelar flores e frutos que potencializa giros, desvios e recomposições nas profundezas inquietantes do pensar/fazer/viver o campo da saúde, minha escrita revela nada mais que apenas um frescor de rosa em meio a várias pontas de ramalhetes que costura o tecido orgânico do social. O limbo aqui encarnado foi de entrelaçar uma escrita a partir de cada problematização e sensação transformadora que somente a vivência estudantil é capaz de proporcionar. A dança aqui apresentada foi parte de um relato de experiência e sistematização desenvolvido a partir do Projeto Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde (VER-SUS/Brasil) de 2013 em Fortaleza/Ceará.

Entendo que ser estudante é carregar malas repletas de possibilidades, é trazer laços que se condizem aos encontros tocantes que existem no fluxo da vida. Concomitante a vivência e implicado pelos desafios que permeia a Sociedade Civil e os Direitos Humanos, remeto-me a escolhas reflexivas no processo de construção do conhecimento engajado politicamente por questões que envolvem a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) na construção de uma sociedade que reconheça os direitos e a dignidade do ser humano e não produza dor.

Foi no raiar de cada manhã que pensava eu que poesias escrevíamos diariamente e, que o VER-SUS talvez não fosse somente entender a dinâmica necessariamente de uma unidade básica ou até mesmo a complexidade de um atendimento e burocracias que o ofício na saúde demanda. Penso que além de vivenciar mais, VERSUS também seja perceber e entender que estamos ligados por uma teia infinita no seu princípio e frágil na sua estrutura, que refletir sobre problemáticas sociais que muitas vezes passam despercebidas na academia e no serviço por posições politicamente hegemônicas, se faz necessário na construção estudantil, bem com posteriormente na posição ética e no bailar profissional.

Partindo desse florir pensante, e indo ao encontro do engatinhar, seja do debate incipiente sobre saúde, como também da invisibilidade de se refletir diversas formas de violação de Direitos Humanos da população LGBT, podemos dizer que, atualmente, atos de violência física e psicológica de caráter intencional e repetitivo são praticados contra LGBT e tidos como comuns, naturalizados, inclusive em instituições de saúde. Sabemos que a violência se expressa de várias formas, sendo uma delas a discriminação,

portanto, são necessárias possibilidades de construção de uma sociedade que reconheça os direitos e a dignidade do ser humano.

Tais necessidades se tornam ainda mais evidentes se levarmos em consideração o sistema no qual estamos inseridos, em que os indivíduos e grupos tornam-se cada vez mais reféns de um consumo exorbitante e individualista e que o ensino superior passa por diversas problemáticas que impactam e restringem substancialmente à possibilidade de discussão de temas como a saúde de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais que sofrem violências, viventes de uma sociedade heteronormativa, sem apoio social diante das adversidades da vida.

Dar-se um aperto no peito! As borboletas no estômago começam a se agitar, mas guardo aqui um pedaço do arco-íris que iremos colorir juntos nessa vida. Entendo que na prática a violência consiste em ações humanas de indivíduos, grupos que afetam a integridade física, moral, mental ou espiritual do indivíduo, mas boa parte da nossa sociedade não observa, no entanto, que em muitos casos, a população LGBT é levada a caminhos, que, em função de condições de vulnerabilidades e estigmas sociais, distanciam-se cada vez mais do reconhecimento identitário, bem como ao acesso aos direitos humanos assegurados pela Constituição Federal e pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, que por sinal são pilares importantes no comprimento de ações elencadas pela Política Nacional LGBT do Brasil e do debate sobre a saúde desse campo.

Partindo desse escopo e das questões referentes à fragilidade de discussões e esclarecimentos mais precisamente sobre a saúde LGBT, surgiram alguns questionamentos na vivência que se transformam aqui em quilos de nuvens e de sonhos plantados: Por que não se fala de saúde LBGT nas instituições de ensino? O que é garantia de equidade no campo da saúde? Como a sociedade civil pode estabelecer esforços de reconhecer a complexidade da saúde LGBT? Por fim, esses questionamentos levam à seguinte pergunta: qual o impacto de travar um debate ético e político sobre a saúde LGBT no município de Fortaleza/Ceará?

Foi a partir dessas indagações que surgiu a motivação em realizar esse relato e sistematização de experiência. Através de conversas na mesa do café da manhã, no sentar e deitar na calçada olhando para o céu, bem como do espaço colorido com fitas e balões que a convivência tivera e, sem esquecer-se do palavrado qualitativo que salienta a queridíssima senhora Minayo (1994), que o caderno/diário se encheu de palavras. Como um dançarino que tem nos seus pés tintas coloridas que pintam e repintam, refletindo cada pedaço de instantes a tela viva da vida, reflexões foram analisadas de maneira crítica-reflexivas e, com um sorriso que se dá de um menino que movimenta e pula em um dia de chuva, a metodologia se deu.

Durantes esses quinze dias, cada qual com sua dança, com suas malas, com seus movimentos, pudemos nos emaranhar a ponto de sentirmos e beber num só gole de encontro o sentido de estarmos juntos e de refletir sobre a importância de se problematizar e nos aproximar mais sobre nuances e rotas

que permeiam o universo singular e plural LGBT. Foram contadas histórias, significações foram feitas, entrelaçamos diálogos capazes de gerar vida. Acreditamos que foi nesse partilhar específico que se fez necessário abriremos dimensões, espaços de tempo capazes de criar espaços de partilha entre os estudantes para pensarmos trans-form-ações que reflitam sobre formação estudantil, implicada diretamente com a aproximação sobre a saúde LGBT. Além disso, foi preciso gerar fissuras localizadas na dinâmica grupal a ponto de facilitar diálogos e aproximações entre estes estudantes e a temática. Observou-se também que pensar sobre saúde LGBT nas instituições de ensino gera movimentos que são capazes de ampliarmos a maneira de pensar/fazer saúde no SUS, logo pensar saúde LGBT sob o eixo dos Direitos Humanos é sem dúvida um exercício que amplia possibilidades outras de enxergar a práxis como operadora dos estudantes de saúde.

Do ponto de vista de quem é convidado e se oferece a contribuir com processos formativos de alunos que buscam esse entrelaçado de ideias e desafios cotidianos, que desejam construir-se e reconstruir-se enquanto profissionais humanos para atender humanos no contexto da saúde mental, a beleza das cores e dança das palavras e ações é bastante motivante e igualmente desafiadora. Em tempo de abismos entre a formação acadêmico-técnico-política de profissionais que possam entender e atender demandas urgentes na saúde pública do nosso país, experiências formativas desse tipo são promissoras, gratificantes e contribuem para a produção de sentidos cotidianos relacionados a outros modos de pensar e posicionar-se diante das (e permeada pelas) práticas em saúde.

Referências Bibliográficas

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. / Maria Cecília de Souza Minayo. – 7. ed. – São Paulo : Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.